



SOFIA PIDWELL
▶ **Correspondências**

30 de Janeiro
a 12 de Abril 2020

O apelo da pintura

O trabalho da artista tem-se desenvolvido no decorrer dos últimos anos entre o desenho e a pintura. Na área do desenho, Sofia Pidwell criou obras que estabeleceram uma intensa relação com o espaço da exposição. Essa intensidade vem de um processo cumulativo que resulta em extensas malhas de pequenas formas circulares que se expandem pela parede, pelo tecto, e por zonas menos aptas a pendurar uma tela ou uma moldura. Quer isto dizer que o espaço onde desenvolve as suas obras pode transformar-se no suporte e apropriar-se da sua estrutura morfológica. Contudo, essas malhas, como mantas de pequenas moléculas, não compreendem uma sequência, uma métrica ou uma grelha, e por esse motivo não determinam um ponto inicial e um outro que se reconheça como o seu fim. Apenas a posição erecta do nosso corpo lhes empresta uma direcção, por vezes diagonal, e desta forma associamos o chão e o tecto aos seus limites espaciais. Se nestas obras o gesto é replicado quase infinitamente, contido e controlado para expandir essas pequenas formas com uma dimensão semelhante que lhes atribui essa padronização, como uma malha tecida, nas suas pinturas mais recentes o gesto torna-se mais amplo mas também mais veloz, como se as linhas cromáticas estivessem sempre em movimento, sem princípio nem fim.

Nesta exposição intitulada “Correspondências”, instalada na casa-atelier de Maria Helena Vieira da Silva, Sofia Pidwell declara um novo posicionamento do seu trabalho, assumindo a pintura como uma resposta a esse apelo da pintura que a casa-atelier inscreve na sua história e na nossa memória. As pinturas, como vórtices de aparência cósmica, assumem uma dimensão considerável no limite do gesto que as pintou, mas mantêm essa circularidade do movimento do corpo, que se expande na superfície da tela e se concentra na imagem representada. Se a correspondência com a prática de Vieira da Silva pode ser um apelo, as correspondências que estas obras geram no espaço da casa são um desafio ao espectador, que é tomado de assalto por uma paleta cromática forte, que esconde e revela o gesto, desenhando formas sem que os seus limites sejam definidos. Como uma metáfora do infinito e do modo como nos compreendemos enquanto seres vivos, sensíveis, fenomenologicamente sujeitos à afecção do mundo que, para Sofia Pidwell, não está apenas à nossa volta, não está distante: muito pelo contrário, é interiormente partilhado.

Esta noção de partilha é também uma sensação de pertença, e neste aspecto, como foi referido, as obras expandem-se pelo espaço, neste caso pela escala das pinturas, e por uma acção do corpo, do seu corpo vendado que se entrega a um jogo comum, ecuménico, em que cada espectador receberá uma tira de tecido branco. Uma acção performativa que não pretende esconder as pinturas, a casa e todo o seu ambiente por trás da venda que cada um poderá vestir. Ao invés, é um momento de reflexão, de apelo interior e de exegese, que se revelará no reencontro ao olharmo-nos de novo na casa de Maria Helena, com as memórias que a pintura de Sofia está temporariamente a habitar.

João Silvério



SOFIA PIDWELL

► Correspondências

30 de Janeiro
a 12 de Abril 2020

The call for painting

The artist's work has developed over the past few years in drawing as well as in painting. Through drawing, Sofia Pidwell has created works that adjust perfectly in the space they are being inhabit. This intensity comes from a cumulative process that results in extensive meshes of small circular shapes expanding across the wall, the ceiling, and areas where canvases or frames would not ideally fit. This means that space will act as a support and as a morphological structure. However, these meshes, like small molecule blankets, do not show a sequence, a metric or a grid, and thus, we do not recognise a starting or an ending point. The upright position of our body will lend them a direction, which can be diagonal at times leaving the floor and the ceiling to act as their spatial limits. If in these works, the pattern replicates almost indefinitely, in a contained expansion of these small shapes, in Sofia's most recent work the movement becomes broader and faster, as if the chromatic lines were always in motion, with no beginning and no end.

At the exhibition "Correspondências", installed in the home-studio of Maria Helena Vieira da Silva, Sofia Pidwell shares her work's new positioning, where this work assumes itself as a response to that call for painting inscribed in the history of the home-studio and in our memory. The paintings, like vortices of cosmic appearance, take a considerable dimension and their limit is the hand that painted them, but they maintain this movement of circularity of the body, which expands in the surface of the canvas and concentrates on the image represented. If the correspondence with Vieira da Silva's style can be an appeal, the correspondences generated in that space are a challenge to the viewer, who is assaulted by a strong chromatic palette that hides and at the same time reveals the movement of shapes without defining their limits. It is like a metaphor for infinity and for the way we understand ourselves as living, sensitive beings, phenomenologically subject to the affection of the world, which, for Sofia Pidwell, is not distant from us: quite the contrary, it is internally shared.

This notion of sharing is also a notion of belonging, so the works expand through space, in this case through their dimension, and through the movement of a blindfolded body that surrenders to a common, ecumenical game, in which each participant will cover their eyes with a strip of white fabric. A performative action with no intention of hiding the paintings, the house or its environment behind the blindfold. On the contrary, it is a moment of reflection, of inner appeal and of exegesis, which will reveal itself in this re-encounter of Maria Helena's house, with the memories that Sofia's painting temporarily occupying.

João Silvério